



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](#)

O boletim Raízes e o papel pedagógico-social do IMOPEC

The Raízes Bulletin and the Pedagogical-Social Role of IMOPEC

Ana Cristina de Sales

Orcid: 0000-0002-2110-7830

Universidade Regional do Cariri, Missão Velha, CE, Brasil, Email: anasalesprof@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2025v8n1ID42111

Citação: Sales, Ana Cristina de. (2025). O boletim Raízes e o papel pedagógico-social do IMOPEC, *History of Education in Latin America - HistELA*, 8(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/42111>

Conflito de interesses: Os autores declaram que não existem interesses concorrentes.

Editora: Olivia Morais de Medeiros Neta

Received: 15/11/2025

Approved: 27/12/2025

OPEN ACCESS

Resumo

O artigo objetiva analisar a produção do boletim Raízes, do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), no período de 1992 a 2015, destacando seu papel na preservação da memória, na formação pedagógica e na mobilização social. A metodologia combina análise documental das edições do boletim e reflexão teórico-metodológica a partir das contribuições de Raymond Williams (1979). Identifica-se os principais eixos temáticos abordados pelo Raízes, bem como as estratégias de resistência e articulação social promovidas pelo Instituto. Os resultados evidenciaram que o boletim atuou como instrumento de formação, debate crítico e ampliação da participação cidadã, constituindo-se em registro histórico e referência para estudos sobre educação, história, cultura e mobilização social no Ceará.

Palavras-chave: Boletim Raízes. IMOPEC. Papel pedagógico-social.

Abstract

This article aims to analyze the production of the Raízes bulletin, from the Institute of Memory of the People of Ceará (IMOPEC), from 1992 to 2015, highlighting its role in preserving memory, in pedagogical training, and in social mobilization. The methodology combines documentary analysis of the bulletin's editions and theoretical-methodological reflection based on the contributions of Raymond Williams (1979). The main thematic axes addressed by Raízes are identified, as well as the strategies of resistance and social articulation promoted by the Institute. The results showed that the bulletin acted as an instrument for training, critical debate, and expansion of citizen participation, constituting a historical record and a reference for studies on education, history, culture, and social mobilization in Ceará.

Keywords: Raízes Bulletin. IMOPEC. Pedagogical-Social Role.

Introdução

Nosso objetivo no texto é analisar a produção do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC)ⁱ, situando-o no contexto histórico do Ceará entre os anos de 1992, quando a instituição passou a publicizar seus materiais, e 2015, ano em que encerrou suas atividades, com especial atenção às lutas sociais e às formas alternativas de resistência. Apesar de suas especificidades, o Instituto articulou-se com diferentes parceiros de luta, dialogando com diversos agentes sociais e ampliando o alcance de sua atuação. Dessa forma, suas ações e publicações integraram-se a um movimento amplo de militância política, social e cultural.

O IMOPEC foi estabelecido enquanto instituição em 1988 como um grupo político composto por membros associados a diversos movimentos sociais. Seu propósito era a de envolver-se ativamente, coordenar esforços e intervir em apoio aos setores da sociedade cearense impactados pelas políticas neoliberais aplicadas durante os anos 1990 e 2000. Este coletivo político desenvolveu e organizou uma variedade de ações educativas, políticas, sociais e culturais voltadas as populações menos favorecidas do Estado do Ceará por 27 anos.

Nesse sentido, utilizamos as fontes produzidas pelo IMOPEC, articuladas a uma fundamentação teórico-metodológica que possibilitou compreender suas práticas e discursos. Nesse processo, evidenciou-se a relevância desses registros para a história do Ceará, tanto como documentos informativos quanto como instrumentos de resistência e intervenção social. As reflexões de Raymond Williams (1979) auxiliaram na problematização da historicidade das linguagens sociais e das dinâmicas que moldam a produção das fontes, incitando à reflexão sobre os interesses, as conjunturas e os conflitos que atravessaram as experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos.

Nesse entendimento, a metodologia fundamenta-se em uma análise qualitativa das edições do boletim Raízes, inspirada nas contribuições de Raymond Williams (1979) para compreender as produções culturais e as dinâmicas históricas de seu tempo, possibilitando uma leitura que articula texto, contexto e experiência histórica.

Assim, ao examinarmos os boletins e demais materiais do Instituto, buscamos compreender a maneira que as narrativas se constituíram como ferramentas de enfrentamento às desigualdades e de valorização das identidades historicamente marginalizadas. A história do Ceará narrada pelo IMOPEC enfatiza a trajetória dos movimentos sociais em sua luta contra diferentes formas de opressão e desigualdade, remontando ao processo de colonização e suas atualizações. Nessa direção,

questionamos: quem eram os autores dos escritos do IMOPEC? De que lugares sociais falavam? Quais atores buscavam evidenciar?

Os textos foram produzidos por membros de movimentos sociais, associações comunitárias e pesquisadores de distintas áreas, vinculados ou não à universidade. Mesmo quando de origem acadêmica, a escrita apresentava critérios diferenciados, distantes da linguagem estereotipada da mídia, dos manuais escolares e da historiografia tradicional. Esses autores, alguns próximos ao materialismo histórico, outros à nova história social e cultural, reafirmaram vínculos com a luta de classes e o protagonismo comunitário, ao mesmo tempo em que desafiavam as memórias instituídas.

O IMOPEC centrou sua atenção em sujeitos historicamente marginalizados nos processos historiográficos, como mulheres, indígenas, negros, agricultores, artesãos, vendedores ambulantes e pequenos produtores. Nesse sentido, seus documentos trazem importância como registros históricos e instrumentos de mobilização política, formação crítica, valorização de identidades e construção da cidadania.

Por meio desses registros, o IMOPEC deu visibilidade às histórias dos sujeitos populares, estimulando a percepção de que a democracia só se constrói com participação efetiva. Ao mesmo tempo, reforçou que a ausência do Estado abre espaço para movimentos que atuam em causas específicas, como igualdade de gênero, combate ao analfabetismo, preservação cultural e ambiental e assistência social. Desse modo, seus escritos buscaram intervir nos debates públicos e políticos do Ceará contemporâneo.

Materiais e métodos

Para pensarmos a produção e difusão do boletim Raízes ressaltamos a necessidade de pensar as teias que o Instituto cruzou, o processo de mobilização e as frentes de combate e tensões sociais enfrentadas na busca por resistir as desigualdades sociais no Ceará. Nesse entendimento, questionamos: como o Instituto mobilizou e atuou dentro das comunidades? Quem tinha acesso as suas produções? Com quais forças o IMOPEC lidou?

Partimos pela coleta de dados sobre os sujeitos envolvidos nas ações do IMOPEC; as ações que estavam sendo movidas; os argumentos utilizados pela ONG; a mobilização dos diversos sujeitos; Assim sendo, foi possível observarmos nos números do boletim Raízes, os mecanismos de transformação da realidade das comunidades, as entrelinhas dos inúmeros discursos que se apresentaram, desde a denúncia através da escrita, de palestras, exibição de documentários, os indícios de como as pessoas diretamente envolvidas descreveram suas lutas.

Nesse sentido, a metodologia adotada por nós combina a análise documental das edições do boletim, ao todo, 64 publicações entre os anos de 1992 e 2015, com uma reflexão teórico-metodológica baseada nas contribuições de Raymond Williams (1979). O autor oferece importantes subsídios para o debate sobre as linguagens produzidas no contexto social e sobre a necessidade de problematizar a historicidade das ações e expressões construídas nas dinâmicas das relações humanas. Ao estudar a imprensa popular na Inglaterra, Williams destacou a importância de questionar a produção das fontes, os interesses envolvidos e a conjuntura política vivenciada pelos atores sociais.

Desse modo, o estudo do boletim contribuiu para o conhecimento histórico e para o aprimoramento das abordagens que integram cultura, linguagem e experiência social como dimensões inseparáveis da pesquisa historiográfica.

A produção de materiais escritos pelo IMOPEC

O uso das fontes também tem uma história porque os interesses dos historiadores variaram no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais. Ser historiador do passado ou do presente, além de outras qualidades, sempre exigiu erudição e sensibilidade de tratamento de fontes, pois delas depende a construção convincente de seu discurso (Janotti, 2010, p. 10).

A indicação das fontes as quais nós pesquisadores nos apropriamos não deve transparecer que teremos acesso direto aos envolvidos, suas vontades e vozes. Uma vez que, as fontes, assim como seus autores, são interessadas. É fundamental, ao se trabalhar com qualquer fonte, discutir os critérios possivelmente adotados por quem as produziu, de modo a melhor decifrar a informação que ela nos fornece (Bacellar, 2010, p. 66). Como acena Pinsk (2005) as fontes são o material os quais os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos. Desse modo, contextualizar o documento que se coleta é fundamental para o ofício do historiador! (Bacellar, 2010, p. 63).

Tania Regina de Luca (2010) observou que foi na década de 1970 do século passado que os trabalhos passaram a valer-se de jornais e revistas como fontes. A preocupação com a história da imprensa não era nova, “mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa” (Luca, 2010, p. 111).

O receio ou desprezo pela imprensa vinha da tradição positivista do século XIX e primeiras décadas do século XX, por meio da ideia de busca da verdade dos fatos. Cabia ao historiador ser livre de qualquer envolvimento com seu objeto de pesquisa, valendo de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade e distanciadas de seu próprio tempo (Luca, p. 112). Nesse entendimento, a imprensa não era adequada para recuperação do passado, pois trazia um conteúdo distorcido e subjetivo.

A escola francesa dos Annales na década de 1930, reconheceu as potencialidades da imprensa, assim como tantas outras fontes. Mas, somente nas últimas décadas do século XX houve o reconhecimento de fato pela intermediação da terceira geração dos Annales, através da multiplicação de novas temáticas e novas formas de ver e usar as fontes. Padrões antes consagrados pelos historiadores, foram repensados. Por muito tempo, tais pesquisadores se preocuparam com os aspectos políticos, sociais e econômicos, deixando o cultural de lado, como fosse algo menor.

A face mais evidente do processo de alargamento do campo de preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, as mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as crianças, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da história (Luca, 2010, p. 113).

A variedade de temas e fontes se tornaram múltiplas. Para Tania Regina de Luca, “ao lado da imprensa e por meio da imprensa o jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (2010, p. 118). “A discussão em torno do estatuto do que se publica na imprensa já foi – e continua sendo – objeto de acirradas polêmicas. Há objetividade e neutralidade? É possível distinguir notícia e interpretação?” (Luca, 2010, p. 139).

Mesmo se tratando da imprensa militante, o grupo faz escolhas, organizam, fazem interpretação e narram da maneira que lhe é peculiar, as notícias que devem chegar até os leitores.

Ao elegermos o material produzido pelo IMOPEC como fonte, consideramos que ele desempenha um duplo papel: ao mesmo tempo em que oferece informações aos seus leitores, também busca formá-los. Nesse sentido, coube-nos analisar as motivações que levaram a conferir publicidade a determinados assuntos. Dado que, “os discursos adquirem significados de muitas formas... a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista planeja atingir” (Luca, 2010, p. 140).

Neste sentido, recorremos ao material difundido pelo IMOPEC com a finalidade de compreendermos a divulgação das ideias expostas, as falas, as ferramentas utilizadas e ações que foram manifestadas por meio de uma imprensa que chamamos aqui de militante. Em relação à documentação pertencente ao acervo ligado ao movimento operário, Tania de Luca acentuou que essas fontes são:

dados acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação (Luca, 2010, p. 119).

A imprensa operária difundia um manancial de informações que não era balizado na grande imprensa. Nos jornais comuns a classe trabalhadora até hoje aparece em virtude de desordens e índices negativos ligados a economia e a educação. Assim, os meios de comunicações são ferramentas importantes para resistir ao sistema imposto pelos dominantes.

O IMOPEC constituiu um vasto corpus documental, fundamental para a compreensão da memória, do patrimônio e dos saberes produzidos pela instituição entre 1988 e 2015. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento das informações presentes em seus registros, no qual o boletim Raízes destacou-se como o principal veículo de difusão de ideias e ações, circulando a partir de 1992.

O boletim teve como proposta primeira “provocar a discussão e o aprofundamento de questões significativas para o Movimento Popular, na contribuição para o resgate das formas de resistência ao modelo econômico e cultural que há 500 anos vem sendo imposto ao povo latino-americano” (Raízes, 2001, p. 04). O grupo ligado ao IMOPEC nutriu a esperança que por meio de suas publicizações, levariam “um mundo novo”, mesmo sem a visibilidade da grande imprensa. Adelaide Gonçalves no texto “Raízes, um instrumento de combate” enumera algumas definições sobre as finalidades do material que consta nas edições do boletim Raízes (2001):

Menos que uma definição de política editorial, RAÍZES se inscreve na tradição da “palavra impressa” como instrumento pedagógico de combate. Ao manifestar em seu projeto comunicativo, “Desejamos que o Boletim não seja apenas mais um informativo”, recupera dimensões do “fazer jornalístico” cuja virtualidade reside nos propósitos articulados da discussão, do debate, da reflexão pela palavra que instiga, incita, subverte, e potencialmente, (re)cria e atualiza um léxico político e sociocultural contrastante aos interesses da dominação e do silenciamento das práticas sociais engendradas pelos movimentos sociais [...] RAÍZES propugna o debate criativo e criador, aliado ao compromisso social com a produção de conhecimento, cuja finalidade é “oferecer um pequeno reforço ao processo longo e sofrido de conquista da

cidadania, abrindo espaços ao debate e oportunizando a expressão de opiniões e visões distintas" (Gonçalves, 2001, pp. 04-05).

Os membros que faziam parte da instituição decidiam as pautas dos próximos números e os modos como iriam intervir no apoio aos movimentos sociais. Ao todo foram 64 publicações, os quais estão disponíveis na Casa de Memória em Porteiras, Sul do Ceará; no Centro de Memória da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), Campus da Universidade Estadual do Ceará-UECE de Limoeiro do Norte-CE. Além de algumas escolas municipais que receberam parte do material, cedido por Maria Célia Guabiraba, uma das idealizadoras do IMOPEC. Bem como de acervos pessoais, pois, os membros, sócios e apoiadores das causas do Instituto recebiam exemplares dos boletins.

O boletim tinha um pequeno formato, em torno de 8 a 10 páginas, com uma tiragem trimestral de 1.500 exemplares, atingindo pequenos grupos nas salas de aula, professores e lideranças comunitárias (Gonçalves, 2001, p. 05), disseminando seus conteúdos em pequenos círculos de leitura, debate e reflexão.

RAÍZES pode passar de mão em mão, pode ser lido em voz alta, permite praticar a "leitura comentada" nos círculos de opinião que o movimento dos trabalhadores criou e recriou em tantos lugares e em vários tempos. Como não trabalha com os conteúdos efêmeros da notícia e da informação desistoricizada, RAÍZES pode ser também um índice, entre outros, do generoso inventário que se possa realizar das lutas sociais no Ceará, nas décadas finais do século XX (Gonçalves, 2001, p. 05).

Dessa maneira, o boletim Raízes é narrado pelo Instituto como um meio de comunicação e, como um instrumento de construção da memória e da conscientização social. O boletim conectou pessoas, histórias e movimentos ao longo do tempo, criando uma narrativa contínua que oferece uma compreensão sobre a evolução das lutas e a resistência das comunidades no Ceará. Cabe questionarmos: qual imprensa alternativa teve tamanha expansão e alcance financeiro? Na perspectiva do próprio boletim, as publicações sempre enfrentavam condições materiais adversas. No entanto, o número de quatro edições anuais e uma tiragem de 1500 exemplares por edição, demonstra que, em certos períodos, os recursos não foram tão escassos como dizia a instituição.

Escreveram para o Raízes: sociólogos, antropólogos, pedagogos, historiadores, denotando a contribuição da universidade para o Instituto. Escreveram também, educadores populares, lideranças comunitárias, urbanistas, advogados, fotógrafos, militantes de pastorais, sindicalistas, entre outros, todos alinhados ao discurso dos movimentos sociais e dos enfrentamentos das desigualdades do Estado.

O boletim tinha uma estrutura de linguagem formal, mas de modo acessível aos diferentes públicos. Nas páginas introdutórias (páginas um e dois) chamava atenção para os temas tratados, informes e últimas notícias. As páginas seguintes eram dedicadas a pequenos artigos com temáticas diversificadas, assinalando por vezes relatos de experiência ou dados de pesquisas estaduais e nacionais.

O IMOPEC publicizou também a Revista Propostas Alternativas, com "a pretensão de divulgar de forma ainda mais ampla e profunda questionamentos e propostas alternativas para as questões em debate" no Estado do Ceará (Guabiraba, 2015, p. 08). As publicações se iniciaram partir de 1992, cada edição apresentou um tema sobre o Ceará, entrelaçando-a com questões globais, nacionais e regionais (IMOPEC, 2015). A revista contou com a cooperação de graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados que colaboravam com artigos dentro dos eixos explorados em cada número.

Acrescenta-se ao Raízes e a Propostas Alternativas uma variada tipologia de fontes produzidas pelo IMOPEC, tais como: cartilhas, livros, vídeos, álbuns fotográficos, inventários, catálogos e os jogos educativos.

O Raízes pela autodenominação de suas publicações se enquadraria numa proposta de imprensa alternativa militante, insere-se numa proposta cuja presença no país ganhou destaque nas primeiras décadas do século XX. Nesse período, os meios de comunicação ligados a organizações populares direcionaram seus esforços em defesa de grupos subalternizados. Conforme aponta Cassol (2010, p. 36), “diversos jornais identificados com a luta de classe aparecem de forma irregular ao longo deste século”.

O boletim Raízes enquanto imprensa alternativa militante “é um meio de comunicação com função libertadora e revolucionária” (Cassol, 2010, p. 37), ou seja, atua como um contraponto aos meios de comunicação convencionais, questionando narrativas estabelecidas e oferecendo perspectivas ausentes na mídia tradicional. Para os autores Berger (1989) e Peruzzo (1998) são os contextos políticos, sociais e históricos que dão significado às práticas de comunicação alternativa, essas práticas se desenvolvem na mesma capacidade de articulação dos movimentos sociais em seu projeto alternativo de sociedade, que no Brasil tem início no período da redemocratização política, quando houve uma efervescência na comunicação alternativa. O boletim Raízes enquanto imprensa alternativa discutiu as situações de opressão e ao mesmo tempo, despertou nas pessoas que o liam, o sentimento de busca pela transformação.

Desse modo, o Raízes procurava maneiras de desenvolver uma linguagem acessível no modo de entendimento das palavras, mas ao mesmo tempo, uma escrita com teor consistente, bem elaborada e com material de qualidade. Era um espaço aberto de e para manifestação das pessoas.

O IMOPEC intentava publicizar quatro números do boletim por ano em uma tiragem de 1500 exemplares, no entanto, quando o apoio financeiro das instituições parceiras acabava não tinha dinheiro para publicação, limitando a produção dos quatro números. Mesmo em meio às dificuldades, caso o sócio não pudesse contribuir com o valor da assinatura, o IMOPEC, continuaria a remeter o boletim se assim fosse do interesse do destinatário. A falta de recursos financeiros é uma realidade comum enfrentada por muitas organizações e projetos de cunho social e cultural. Essa limitação impacta diretamente na capacidade de alcançar um público maior e de sustentar a continuidade das atividades. No entanto, a persistência do IMOPEC em manter o Raízes ativo, mesmo em meio a essas dificuldades, mostrava o valor que o Instituto atribuía à difusão de conhecimento e à participação das pessoas.

No entanto, mesmo diante dessas restrições, o IMOPEC utilizou formas e estratégias dos movimentos sociais sobre a adesão e comunicação para compartilhar suas publicações. A conversa entre os membros da organização era fundamental para decidir quais endereços seriam destinados o envio do boletim. As conversas entre os integrantes do Instituto resultavam na seleção dos destinatários considerados estratégicos. Definidos os endereços, organizavam-se os materiais, que eram colocados em envelopes e enviados. Dessa forma, o conteúdo produzido passava a circular, alcançando diferentes pessoas, que, por sua vez, ampliavam sua difusão ao ocupar outros espaços e compartilhar as ideias recebidas.

O processo de envio individualizado, com o nome do destinatário e um envelope, tornava a comunicação mais próxima, criando uma conexão entre a organização e seus leitores. Dessa maneira, o Instituto levava o boletim para outros lugares e cada vez mais, outras pessoas tinham acesso e divulgavam a experiência do IMOPEC. As

informações do boletim chegavam impressas, mas também eram transmitidas no boca a boca, na leitura em voz alta, na formação de grupos e rodas de conversa.

Quando havia necessidade de aprofundar determinado tema, o boletim publicava números extras dedicados à discussão mais ampla da questão. A partir da análise de suas edições, foi possível identificar sete eixos de atuação recorrentes no Raízes: Cultura Popular; Gênero; Comunidades Indígenas e Negras; Patrimônio Cultural e Memória; Política; Educação; e Meio Ambiente. Esses eixos articulam-se à proposta central do boletim, cuja premissa consistia em provocar o debate e fomentar o aprofundamento de questões significativas para o movimento popular no Ceará. Nesse processo, evidenciam-se os modos de organização e articulação de diversos agentes históricos, bem como seus espaços de mobilização e manifestação, orientados pela busca por melhores condições de trabalho, saúde, moradia, educação, entre outros direitos.

O eixo Cultura Popular nos convidou a pensarmos a respeito da cultura no Brasil e o grau de consciência política dos governantes em relação ao tema. De igual maneira, as práticas de preservação dos nossos bens culturais sejam materiais ou imateriais e o sentimento de pertencimento a esses bens, nos convoca a reflexão da omissão das autoridades governamentais que vendem nossos territórios e desconsideram a diversidade cultural.

Na discussão de gênero, o IMOPEC lançou questionamentos sobre as contradições existentes entre mulheres e homens no Ceará e delineou seus horizontes políticos para o enfrentamento das desigualdades de gênero e suas diversas implicações na sociedade. Isso convida-nos ao aprofundamento de questões ligadas aos novos espaços e sujeitos que constroem os processos transformadores da realidade social.

No eixo Comunidades Indígenas e Negras, o IMOPEC discutiu questões significativas relacionadas ao silenciamento das trajetórias dos povos indígenas e negros no Ceará. Colocou em discussão as diferenças étnicas da população do Estado e como os movimentos negro e indígena vem se articulando e se constituindo em diferentes regiões do Ceará. O IMOPEC buscou desconstruir o processo de invisibilidade do século XIX em que “as elites pensantes do Ceará, decretaram a não existência de índios em nosso território e apressaram-se também em sedimentar o mito da quase não existência de negros” (Raízes, 1995, p. 01). O boletim nos chamou atenção para o desafio de fortalecer as lutas das populações negras e indígenas, na medida em que incita todos a redesenarem a atuação social na defesa da dignidade humana, nos embates pela preservação do patrimônio cultural dessas comunidades que resistem e mantém a memória dos seus antepassados e enfrentamentos pelos direitos que lhes foram roubados.

Na linha Patrimônio Cultural e memória, o Raízes explorou várias frentes, destacando-se o “patrimônio ameaçado” de Jaguaribara e sua importância para a preservação da memória e da identidade daquele povo. Além disso, o boletim acentuou sobre a criação do Curso de Formação à Distância que desencadeou ações de preservação dos patrimônios material, imaterial e natural, junto aos diversos grupos. Os temas do patrimônio e da memória são os mais evidenciados no boletim, chamando atenção para o registro, valorização e preservação dos patrimônios cultural e ambiental. O boletim tratou da diversidade de acordos, conflitos, interesses e tensões sociais e econômicas nas questões da preservação e dos constructos da memória.

Sobre Política, o boletim expressou o cenário sócio-político vivido no país e o modo que isso reverberou no Estado do Ceará. Tratou da luta dos trabalhadores por melhores condições de exercerem seu ofício; dos processos de mobilizações; das

disputas partidárias estaduais e nacionais; do desfavorecimento das classes populares nas políticas governamentais e da política enquanto espaço de resistência, luta e tensões sociais.

A Educação é um tema recorrente nos números do Raízes, em especial a luta pela escola pública de qualidade, do acesso e da permanência. O Instituto contradisse os dados expostos pelo governo e evidenciou a maneira que a lógica neoliberal adentrou no sistema educacional, desqualificando o serviço público e tornando a educação como mercadoria. O IMOPEC propôs uma reflexão a partir de concepções pedagógicas e das políticas educacionais com a finalidade de pensar o neoliberalismo e seus impactos na fragmentação da ciência e o repasse de funções ao sistema privado, ocasionando processos de exclusão e tornando a educação moeda empresarial. A educação também é apresentada através de experiências extraescolares, a educação que se faz para e nos movimentos sociais, numa pedagogia voltada à reflexão crítica e a tomada de consciência social.

No eixo Meio Ambiente, o Raízes levantou problemáticas que afetaram e afetam os espaços urbano e rural e da necessidade dos movimentos e entidades questionarem o processo econômico e político da exploração e da degradação dos recursos naturais e do homem, bem como, buscarem a melhoria da qualidade de vida. Esboçou a respeito da importância de os movimentos agirem na construção de uma sociedade ecologicamente viável, por meio do resgate da função social da natureza e da busca por uma sociedade justa e economicamente possível.

Todos esses eixos se cruzam entre si, tendo como linha norteadora a mobilização dos muitos sujeitos na compreensão de si mesmo e dos outros, de uma experiência educativa voltada à consciência política, de gênero, do meio ambiente, da memória, da preservação e acima de tudo consciente do papel da organização do grupo na luta por direitos. Os sujeitos centrais da experiência do IMOPEC são todos aqueles que vivem as contradições da sociedade moderna industrial e capitalista, “que expropria e contamina os territórios e a biodiversidade, invasora das soberanias dos povos, de seus modos de vida e trabalho” (Propostas Alternativas, 2014, p. 07).

Em seus números iniciais, o boletim Raízes, fez um balanço das linhas de trabalho que a instituição privilegiou desde sua fundação. As pautas se voltaram para a identificação dos modelos de organização popular; do apoio à luta pela terra e a defesa do meio ambiente; e a tentativa de recuperação e preservação da memória dos movimentos populares no Ceará. Inicialmente fez um balanço das eleições municipais de 1988, através de debates e entrevistas com candidatos aos poderes legislativo e executivo.

Contudo, a partir de 1989 o Instituto se voltou principalmente para as questões ligadas a construção da Barragem do Castanhão. O documentário “Castanhão, a resistência de um povo”, demandou uma série de visitas e reuniões no município de Jaguaribara. Na qual alguns moradores puderam expressar seus medos, resistências e inquietudes na possibilidade de mudança de cidade.

Nos três anos seguintes, o Instituto participou de audiências públicas sobre meio ambiente; denunciou por meio de vídeo a situação dos catadores de lixo de Jangurussu, em Fortaleza; denunciou através de uma agenda (Agenda do Dedé-1991), o trabalho de crianças e adolescentes que vivem nas ruas de Fortaleza; ampliou e reformou a sede do IMOPEC, assim como seu acervo bibliotecário; participou de fóruns locais de Organizações não Governamentais e Sociedade Civil, dentre outras atividades.

Percebemos que nos quatro primeiros números do ano de 1992, a instituição enveredou em âmbitos diversos, as publicações obedeciam a pauta dos acontecimentos em que o movimento estava envolvido naquele momento. O meio ambiente, a política e o viés social ocuparam grande parte de suas ações. Os registros e as denúncias tiveram a participação das comunidades, que narraram suas lutas por meio de documentários, fotografias e depoimentos. O processo de escuta, e posteriormente, de mobilização dessas populações foram os passos iniciais. O Instituto se apropriava dos saberes que eram repassados de “pai para filho” e transformava-os em conhecimento científico. Esses saberes vinham de memórias orais e de artefatos da cultura material.

O Instituto abarcou assuntos relevantes para autorreflexão das práticas dos movimentos sociais, como as questões dos movimentos: dos Sem Terras, dos negros e indígenas; e também da formação política de novos atores sociais que sob assessoria do IMOPEC se empenharam na construção de uma nova sociedade. Para concretização da nova sociedade havia a demanda de uma série de reivindicações, ligadas a luta pelo patrimônio étnico-cultural, ao meio ambiente, da identidade indígena e dos Direitos Humanos.

Notamos que a pedagogia do Instituto se pautava nos modos de organizar os indivíduos em grupos e/ou associações, os quais compartilhavam de experiências e processos de exclusão que os levavam a se encontrarem e se reconhecerem nas adversidades e desigualdades econômicas e sociais. O despertar para o sentimento de pertencimento e de busca pelo conhecimento se fortalecem na articulação das diferentes práticas sociais e leituras de mundo.

Em 1998, por ocasião do décimo aniversário do Instituto, reafirmou-se o projeto de luta em defesa de uma sociedade sem exclusão, fome e miséria. Por outro lado, o projeto alternativo proposto pelo IMOPEC contrastava com a realidade nacional, marcada pelos impactos da política econômica neoliberal, que gerava crise na educação, desemprego, pobreza e ameaças ao patrimônio e à memória. Mais uma vez, o Instituto evidenciava a necessidade de articulação dos movimentos sociais para o enfrentamento dos descasos governamentais no Ceará, tanto no campo educacional quanto nas questões sociais e políticas.

No ano de 1999 o Raízes apresentou a novidade do Curso de Formação à Distância, grande aposta do IMOPEC, cujo objetivo do curso versava em formar uma rede de agentes culturais populares a partir das áreas mais críticas do ponto de vista ambiental e cultural; por meio do curso os participes foram estimulados a produção de conhecimento sobre os patrimônios material, imaterial e natural do Ceará.

Nos primeiros anos da década de 2000, o Raízes manteve sua postura de denúncia em relação aos descasos com a educação no Ceará, destacando especialmente casos de superfaturamento e desvio de recursos que impactaram diretamente as condições de ensino e o desempenho dos alunos. Nesse mesmo período, por ocasião da transferência da população de Jaguaribara para a nova cidade, o IMOPEC organizou uma exposição fotográfica com imagens dos moradores, com o intuito de preservar a memória do espaço submerso pelas águas da barragem, constituindo-se em uma forma de manter viva a lembrança do município.

A instituição partia do princípio de que as relações desiguais entre os indivíduos resultam em disparidades estruturais na sociedade. Nesse sentido, torna-se importante compreender de que maneira tais assimetrias reverberam em diferentes âmbitos, incluindo a degradação ambiental e as múltiplas formas de sua abordagem. Esse processo é alimentado por sistemas socioeconômicos que, ao priorizarem o lucro imediato, acarretam danos ambientais significativos e comprometem a

sustentabilidade, desconsiderando as consequências para as gerações futuras e para a saúde do planeta.

Em 2001, o boletim comemorou dez anos de existência e de resistência ao modelo imposto. Segundo o próprio periódico: “O trabalho desenvolvido se nutria das experiências de solidariedade, sem a visibilidade da grande imprensa, mas alcançou projeção nas páginas do Raízes, passando a circular em pequenos grupos, nas salas de aula, entre professores e lideranças comunitárias” (Raízes, 2001, p. 03).

Os últimos números do boletim registram uma produção significativa até meados de 2009, retomando em 2015, ano em que se enceraram as atividades do Instituto. Nessas edições finais, o Raízes voltou-se para a crítica ao modelo de desenvolvimento então vigente, marcado pela tendência de criminalizar os movimentos sociais e silenciar as vozes dissonantes.

O boletim enfocava uma metáfora que ressoa com a trajetória de luta do IMOPEC, a analogia com o trabalho incansável das formigas. Uma relação que mostra com perfeição a natureza gradual e constante do esforço do Instituto em prol de mudanças, especialmente ligadas ao cultural e ao ambiental. Ao longo do tempo, os temas foram ampliados, expandindo suas perspectivas e incorporando uma gama mais abrangente de preocupações.

Ao refletir sobre as batalhas empreendidas pelo Instituto, delineamos um panorama das lutas voltadas à construção de uma sociedade mais justa e consciente, livre de disparidades econômicas e da concentração de poder em determinados grupos. Nesse contexto, segundo o IMOPEC, o período constituía um terreno fértil e propício para revitalizar o debate sobre o poder local e consolidar o papel político dos cidadãos, promovendo o diálogo sobre a importância de capacitar os indivíduos a moldar suas próprias trajetórias e a influenciar as decisões que estruturam o tecido social.

O boletim ainda abordou sobre o projeto “Emergência Étnica”, que delineou a proposta de estabelecer programas de suporte às culturas indígenas, ciganas, quilombolas e outras minorias étnicas, evidenciando a consciência do Instituto sobre a necessidade de ampliar o apoio e o respeito a grupos frequentemente marginalizados.

Além disso, o boletim contextualizou as lutas no cenário político democrático, especialmente nos últimos 30 anos após o período da Ditadura Militar. Essas lutas se tornaram um pilar na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Vale ressaltarmos que o IMOPEC assumiu um papel pioneiro ao sistematizar essas lutas, com a colaboração de pesquisadores de diversas regiões do Ceará, um legado que alimenta as próximas gerações e suscita-lhes competências para recriar novas estratégias de enfrentamento político.

As publicações do Raízes apresentam a história do Ceará sob a ótica dos processos de construção política que evoluíram ao longo do tempo. Estes processos incorporaram diferentes situações e fenômenos sociais, reinterpretando-os para atender às suas próprias demandas culturais, sociais e culturais. Esse redirecionamento visou enfrentar as imposições de normas, costumes, comportamentos e ideologias emanadas dos grupos detentores de poder socialmente reconhecidos.

Nesse sentido, o Raízes surgiu como uma alternativa, e, porque não dizer, como uma forma de sobrevivência dentro de um território onde as relações de poder são caracterizadas por uma disparidade marcante entre aqueles que dominam e os que são subalternos. Essa disparidade é fundamentada por um conjunto de instituições

e pelo próprio sistema em vigor. As páginas do Raízes não apenas descreviam a história do Ceará, mas também, evidenciavam a capacidade adaptativa e resiliente dos indivíduos e comunidades que procuravam resistir às forças externas que buscavam impor sua vontade sobre eles.

O boletim também emergiu como resposta a essa dinâmica desigual de poder, oferecendo uma plataforma para explorar narrativas e perspectivas frequentemente marginalizadas pelas correntes dominantes. Nesse sentido, os 64 números publicados lançaram luz sobre a complexa interação entre poder, resistência e adaptação ao longo do tempo, constituindo um testemunho da capacidade humana de questionar, desafiar e redefinir estruturas de poder consolidadas, em busca de uma sociedade mais justa e democrática.

Os 64 números do boletim demonstraram um comprometimento contínuo com questões que, ainda hoje, permanecem pertinentes e relevantes, ou seja, muitos dos desafios e preocupações abordados continuam a ressoar em nossa sociedade. Isso nos conduz a uma reflexão sobre a atualidade dessas pautas e evidencia que ainda há muito a ser conquistado e reivindicado.

Considerações finais

A partir do nosso objetivo que foi analisar a produção do boletim Raízes, do Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC), observamos que essa publicação se configura como um importante testemunho da trajetória da instituição e de sua atuação no cenário social e cultural do Ceará entre 1988 e 2015. Ao longo de suas 64 edições, o boletim revelou um compromisso constante com a valorização da memória, da cultura popular, da educação e da defesa de direitos sociais, articulando análises críticas sobre as desigualdades estruturais e os impactos das políticas neoliberais no cotidiano das comunidades cearenses.

Do mesmo modo, a metodologia, ao combinar a análise qualitativa dos documentos das edições do boletim, nos possibilitou identificar os temas, discursos e práticas presentes nos textos, evidenciando como o IMOPEC articulou suas intervenções culturais e sociais no contexto histórico do Ceará e contribuiu para a construção de narrativas sobre memória, educação e direitos. Mais do que um veículo de informação, o Raízes desempenhou um papel formativo, estimulando o debate, promovendo a reflexão crítica e criando espaços de articulação entre movimentos sociais, educadores e comunidades locais. Suas páginas documentaram fatos e acontecimentos, ao mesmo tempo que revelaram as estratégias de resistência, a mobilização coletiva e a busca por uma sociedade mais justa e democrática.

O boletim evidencia o papel da memória e da produção cultural como ferramentas de resistência e transformação social, reafirmando a importância de iniciativas que promovam a reflexão crítica e o engajamento coletivo.

Nota

¹ O texto é um fragmento da minha tese de doutorado intitulada “O Instituto da Memória do Povo Cearense (IMOPEC): entre experiências educativas e a defesa de direitos, da cultura e do patrimônio cultural (1988-2015)”, defendida em 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a orientação do professor Dr. Almir Leal de Oliveira.

Referências

- Bacellar, Carlos. Fontes Documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.
- Berger, Christa. *A Comunicação Emergente: Popular e/ou Alternativa no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 1989.
- Cassol, Daniel. *Brasil de Fato: a imprensa popular alternativa em tempos de crise*. 2010. 159 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- Gonçalves, Adelaide. Raízes, um instrumento de combate. In: Boletim Raízes,/ Instituto da Memória do Povo Cearense. Fortaleza: IMOPEC, n. 34, jan/mar de 2001.
- Instituto da Memória do Povo Cearense (Imopec). Raízes: Boletim do Instituto da Memória do Povo Cearense. Fortaleza, n. 34, – jan/mar de 2001.
- Instituto da Memória do Povo Cearense (Imopec). Raízes: Boletim do Instituto da Memória do Povo Cearense. Fortaleza, n. 64, – jan/jun de 2015.
- Instituto da Memória do Povo Cearense (Imopec). Revista Propostas Alternativas, Fortaleza, n. 17, 2014.
- Janotti, Maria de Lourdes. O livro fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.
- Luca, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111–153.
- Peruzzo, Cicilia M. Krohling. Midia Comunitária. *Comunicação & Sociedade*, v. 30, p. 141-156, 1998.
- Peruzzo, Cicilia M. Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Pinsky, Jaime. As primeiras civilizações. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- Williams, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Contribuição da autora

Ana Cristina de Sales: pesquisa, escrita e revisão.